

# bastidores

COORDENAÇÃO JOSÉ F. ANDRADE | bastidores.pt@gmail.com

## Entrevista

Sílvia Torres, também conhecida por Sonasfly lançou recentemente e em vídeo-clip a sua mais recente proposta musical, intitulada “See You In My Dreams”. A composição conta com a colaboração de Bruno Duarte e mostra uma artista mais madura e com um novo estado de alma. Estamos perante um novo ciclo e isso permite-nos pensar que o futuro de Sonasfly apresenta-se ainda mais risonho

# Sonasfly



**“See You In My Dreams” marca o teu regresso aos originais. Sabe bem?**

É um orgulho para mim, porque é a primeira vez na minha carreira que não faço uma composição completa. É a primeira vez que abduco de compor uma música e apenas contribuo com a letra ou parte dela. Quem me conhece bem sabe o que estou a dizer e o que isso significa para mim.

**Porquê só piano e voz?**

Confesso que da primeira vez que decidi avançar com um concerto intimista de piano e voz, não foi a pensar num novo formato para a Sonasfly, mas sim na pessoa que gere um espaço – falta de tempo para ensaios, falta de tempo para procurar músicos, etc. Neste momento, não me vejo para já, de outra forma. O Bruno Duarte, o meu companheiro de jornada e pianista, foi alguém que caiu na minha vida com um propósito. E este propósito estou a descobri-lo a pouco e pouco; a cada ensaio que fazemos, a cada ideia que partilhamos; a cada tema novo que recriamos.

**Para quando um novo disco?**

Estamos em processo criativo, é ver-

dade, mas gravar um novo álbum, confesso, que não é uma das minhas prioridades. Não está fora de questão nem é um assunto tabu. Tenho a certeza que chegará o dia em que sentiremos necessidade de partilhar os nossos momentos criativos. Até lá, temos concertos no Lava Jazz e não só! (risos) De resto, existem temas novos. Alguns meus – temas que nunca editei –, outros do Bruno e outros em conjunto...

**Como descreves o teu momento atual, em termos artísticos?**

Chamemos-lhe uma pseudo-pausa. Estou a aproveitar a oportunidade, que a vida me está a dar, para aprender com os mais variados artistas, situações, manhas das vedetas (sim, também as há!), etc... o que sou, o que quero para mim e para a minha vida. Tem sido uma gigantesca aprendizagem e esta aprendizagem reflete-se no trabalho que tenho apresentado ao longo do último ano.

**Tendo em conta a tua ligação estreita com o mundo artístico, qual a tua opinião sobre o nosso meio musical?**

Este tema dá “pano para mangas”! Voltando ao “outro lado de mim”, neste momento estou, dia-a-dia, do lado de promotora musical e há uma nuvem que as pessoas evitam, não sei bem porquê! Mas eu faço parte dos dois mundos e passo a explicar: os promotores precisam dos artistas, e os artistas precisam dos promotores. Já houve uma altura em que eu achava, como ainda há e haverá sempre, os novos artistas - que são e estão no topo do mundo. Não é verdade! É uma relação de simbiose necessária e, para isso, o promotor tem de ter a percepção de que os artistas, principalmente os cantautores, precisam valorizar o seu trabalho, ensaios, interpretação, etc. Por outro lado, o artista terá de perceber que o promotor, para estar dentro da legalidade, tem vários custos acrescidos, nomeadamente licenças com a SPA, PASSMUSICA, Registo de Promotor, Licença de Representação, Seguro de Responsabilidade Civil, entre outros. Todos estes custos, são muitas vezes, superiores ao cachet pedido por uma banda, pelo que torna difícil aceder às exigências dos valores

exigidos pelos artistas. Não é um desrespeito, mas sim, uma dificuldade financeira! A forma de contornar este dilema, passa pelo apoio do público. Público este que deve ser informado de todas as questões que envolvem o mundo artístico. Ou seja, um concerto nunca é gratuito! Há uma envolvente de custos elevados, custos estes que muitas vezes nem se reflectem na bilheteira de um concerto.

Em suma, se todos os envolvidos no mundo artístico, nomeadamente: Promotor, Artista e Público, formarem esta parceria a favor do mundo musical, estaremos a contribuir para a qualidade da cultura musical.

**No que ao Jazz diz respeito, já se nota uma maior cultura do género em São Miguel?**

Para criar e fazer crescer uma “cultura”, qualquer agricultor sabe que precisa de um terreno fértil, com boas condições... Para existir uma cultura de jazz, terá de existir um espaço onde haja jazz com frequência, dando azo a um crescimento exponencial dessa mesma cultura. Após 3 anos e meio de promoção de jazz ao vivo, 5 dias por semana, de algum modo sinto que contribuímos para a elevação da cultura jazz de S. Miguel. Sinto que por vezes a “tribo” do jazz micalense testou-nos, no sentido de perceber quanto tempo conseguíamos aguentar... O certo é que após esses 3 anos e meio continuamos com uma casa que promove artistas de jazz e não só!

**Tem sido interessante ou não essa partilha de conhecimentos ao nível musical?**

Nem imaginas o quanto! Confesso que não fui a maior fã da ideia “vamos abrir um bar de jazz”, mas no momento que decidi embarcar nesta aventura, fi-lo de cabeça aos pés e aqui estou. Para muitos pode ter sido interpretado como um interregno na carreira de artista que eu tanto almejava. Mas hoje, para mim, foi uma paragem na luta que travava comigo mesma. O que tenho aprendido com a casa, colaboradores, músicos, artistas que por lá têm passado, ajuda-me a crescer de uma forma que eu não imaginava possível. As pessoas que se têm cruzado na minha vida, têm me trazido tando que não sei como agradecer. Isso reflete-se nas minhas novas composições: menos agressivas, menos desesperantes, menos pseudo-complexas... hoje sinto-me mais “eu”! Às vezes sento-me no piano e finjo que toco (risos), outras vezes deixo que o Bruno faça a sua magia e, simplesmente deixo-me levar. Faço o que sinto e o que quero. Um dia sou “patroa”, noutro dia sou diretora artística, no dia seguinte faço desenho de luzes e ao mesmo tempo sou “roadie” e estou a distribuir águas em palco... tanto faz! Desde que esteja bem. Estou bem, sou feliz! ♦